

O GÊNERO TEXTUAL ARTIGO DE OPINIÃO: UM MEIO DE INTERAÇÃO

Odete Maria Benetti Boff¹

Vanilda Salton Köche²

Adiane Fogali Marinello³

omboff@ucs.br

vskoche@ucs.br

afmarine@ucs.br

RESUMO: Este estudo apresenta o gênero textual artigo de opinião como uma forma eficiente de interação entre os sujeitos na comunicação escrita. Inicialmente, aborda-se conceitos sobre gêneros textuais; em seguida, caracteriza-se o artigo de opinião e sua relevância para o ensino e, finalmente, faz-se uma análise ilustrativa do gênero. Este trabalho é resultado dos estudos sobre gêneros textuais desenvolvidos na Universidade de Caxias do Sul/Campus Universitário da Região dos Vinhedos.

PALAVRAS-CHAVE: gênero textual; artigo de opinião; interação; ensino.

INTRODUÇÃO

O gênero textual “artigo de opinião” desempenha importante papel na sociedade, pois é um meio de interação entre o autor e os leitores de jornais e revistas impressas e de circulação online. Utilizar, portanto, esse gênero nas aulas de Língua Portuguesa pode ser um caminho para alcançar com maior eficácia os objetivos do ensino de língua materna. É com o uso do texto que se estabelece a comunicação, ampliam-se ideias e pontos de vista, garantindo-se um melhor entendimento da sociedade e, conseqüentemente, o aperfeiçoamento das relações que nela se estabelecem.

Este artigo apresenta algumas concepções sobre gêneros textuais e, mais

¹ Professora da Universidade de Caxias do Sul.

² Professora da Universidade de Caxias do Sul.

³ Professora da Universidade de Caxias do Sul.

especificamente, caracteriza o artigo de opinião, a fim de contribuir para uma reflexão acerca da importância desse gênero enquanto instância interativa para o ensino de Língua Portuguesa. Este trabalho foi construído a partir de Bakhtin (1992), Bronckart (2003), Bazerman (2006), Dell'Isola (2007), Marcuschi (2005), Bräkling (2000), Pereira (2006), Faraco e Tezza (2001), Antunes (2006), Rodrigues (2007), Kaufman e Rodrigues (1995), Guedes (2002) e dos Parâmetros Curriculares Nacionais (1999).

1. OS GÊNEROS TEXTUAIS E O ENSINO DE LÍNGUA

O estudo sobre gêneros textuais tem suscitado uma renovação na maneira de desenvolver o ensino de Língua Portuguesa. Diferentes experiências didáticas descrevem a transposição de vários gêneros para a sala de aula e a necessidade de aproximar a linguagem presente neles dos conteúdos propostos para as aulas de língua materna, uma vez que isso possibilita ao aluno desenvolver sua capacidade interativa como leitor e autor.

Nessa perspectiva, procura-se cada vez mais dar concretude pedagógica à concepção apresentada por Bakhtin de que os gêneros estão vinculados às diferentes atividades da esfera humana, constituindo-se como mediadores de diversos discursos étnicos, culturais e sociais. Para o autor, sua riqueza e variedade são infinitas, pois a multiplicidade virtual da atividade humana é inesgotável (1997, p. 279). Na medida em que os gêneros estão intimamente ligados às mais variadas mobilizações humanas, cabe à escola protagonizar ações que permitam ao estudante conhecer a especificidade e a finalidade de cada gênero, considerando-se as necessidades enfrentadas no dia-a-dia.

Conforme Bazerman, os gêneros textuais são *frames* para a ação social, e moldam os pensamentos que formamos e as comunicações através das quais interagimos. Constituem os lugares familiares para onde nos dirigimos com o intuito de criar ações comunicativas inteligíveis uns com os outros. Os gêneros são os modelos que utilizamos para explorar o não-familiar (2006, p. 23). Assim, promovem a interação e enriquecem a vida do sujeito, tornando-se ambiente concreto para a aprendizagem em Língua Portuguesa, pois permitem ao interlocutor expressar o que já conhece e aproximar-se daquilo que objetiva descobrir.

Bronckart afirma que “conhecer um gênero de texto também é conhecer suas condições de uso, sua pertinência, sua eficácia ou, de forma mais geral, sua adequação em relação às características desse contexto social” (2003, p. 48). Como decorrência, pode-se afirmar que a representação de mundo e a possibilidade de interação entre os sujeitos de uma sociedade, ações possíveis pela linguagem, estão intrínsecas na concepção de gênero textual.

Marcuschi referenda essa visão na medida em que assegura que os gêneros são formações interativas, multimodalizadas e flexíveis de organização social e de produção de sentidos. Segundo o autor, quando ensinamos a operar com um gênero, ensinamos um modo de atuação sócio-discursivo numa cultura, e não um simples modo de produção textual (2005, p.19).

Assim, torna-se imprescindível que o aluno conheça as características de cada gênero e as situações comunicativas em que se realizam. Isso lhe permitirá aperfeiçoar a linguagem com a qual já tem afinidade e (re)conhecer outras estratégias que possibilitem uma interação social mais eficiente. Sob essa ótica, Bronckart assevera que “a apropriação dos gêneros é um mecanismo fundamental de socialização e de inserção prática nas atividades comunicativas humanas” (2003, p. 103). Cabe, portanto, à escola um trabalho voltado à leitura e produção de textos na perspectiva dos gêneros textuais.

2. ARTIGO DE OPINIÃO

O artigo de opinião é um gênero textual que se vale da argumentação para analisar, avaliar e responder a uma questão controversa. Ele expõe a opinião de um articulista, que pode ou não ser uma autoridade no assunto abordado. Geralmente, discute um tema atual de ordem social, econômica, política ou cultural, relevante para os leitores. Conforme Rodrigues, nesse gênero, interessa menos a apresentação dos acontecimentos sociais em si, mas a sua análise e a posição do autor (2007, p. 174). O processo interativo se sustenta pela construção de um ponto de vista.

Bräkling define o artigo de opinião como um gênero discursivo no qual se busca convencer o outro sobre determinada ideia, influenciando-o e transformando seus valores por meio da argumentação a favor de uma posição, e de refutação de possíveis opiniões divergentes. Para a autora, é um processo que prevê uma operação constante de sustentação das afirmações, realizada por meio da apresentação de dados consistentes (2000, p. 226-227). Embora o produtor do artigo se constitua numa autoridade para o que é dito, muitas vezes ele busca outras vozes para a construção de seu ponto de vista. Apoia-se ainda nas evidências dos fatos que corroboram a validade do que diz.

Esse gênero pertence à ordem do argumentar, uma vez que o sujeito enunciator assume uma posição a respeito de um assunto polêmico e a defende. De acordo com Perelman, a argumentação objetiva provocar ou aumentar a adesão do interlocutor às teses apresentadas ao seu consentimento (1988, p. 23). Assim, a interação ocorre a partir do ponto

de vista sustentado pelo autor e aceito pelo leitor. Para Pereira e outros, “a argumentação busca convencer, influenciar, persuadir alguém; defende um ponto de vista sobre determinado assunto. Consiste no emprego de provas, justificativas, a fim de apoiar ou rechaçar uma opinião ou uma tese; é um raciocínio destinado a provar ou a refutar uma dada proposição” (2006, p. 37).

A premissa de que sem conhecimento não se sustenta uma opinião é ratificada por Faraco e Tezza quando afirmam que defender uma opinião pressupõe argumentos ou provas, e construir um bom texto argumentativo é apresentar o outro lado, para melhor fundamentar o próprio lado. Os autores também assinalam que não há argumentos em estado ‘puro’, ou seja, eles normalmente se dirigem a um interlocutor que já tem suas opiniões. Em vista disso, é necessário levar em consideração essas opiniões, seja para omiti-las, seja para se antecipar uma possível resposta (2001, p.188). No artigo de opinião, portanto, os sujeitos envolvidos na interação aceitam as ideias discutidas pelo autor.

O artigo de opinião, conforme Kaufman e Rodríguez, possui relação direta com as estratégias discursivas usadas para persuadir o leitor e não só com a pertinência dos argumentos apresentados. As autoras mencionam estratégias que podem ser usadas para fundamentar os argumentos: acusações claras aos oponentes, insinuações, digressões, apelações à sensibilidade ou tomada de distância através das construções impessoais para dar objetividade e consenso à análise desenvolvida, uso de recursos descritivos ou a especificação das diferentes fontes da informação (1995, p. 27). Todavia, é a expressão do posicionamento crítico do autor que garante consistência ao artigo de opinião.

As características do contexto de produção (enunciador, assunto, finalidade comunicativa) determinam a configuração do artigo de opinião. Normalmente, esse gênero situa-se na seção destinada à emissão de opiniões, e sua publicação tem certa periodicidade (semanal, mensal, quinzenal). O espaço físico que ele ocupa é limitado, normalmente de meia a uma página, dependendo do veículo de publicação.

Segundo Antunes, “quem escreve, na verdade, escreve para alguém, ou seja, está em interação com outra pessoa. Essa pessoa é a medida, é o parâmetro das decisões que devemos tomar acerca do que dizer, do quanto dizer e de como fazê-lo” (2006, p. 46). Assim, na produção do artigo, o autor pode optar por uma linguagem comum ou cuidada. A primeira emprega um conjunto de palavras, expressões e construções mais usuais, com uma sintaxe acessível ao leitor comum. A segunda vale-se de um vocabulário mais preciso e raro, com uma sintaxe mais elaborada que a comum. A escolha por um dos níveis depende do público a que se destina o texto. A fim de manter a coerência temática e a coesão, o produtor vale-se de

operadores argumentativos (elementos linguísticos que orientam a sequência do discurso: mas, entretanto, porém, portanto, além disso etc.) e dêiticos (este, agora, hoje, neste momento, ultimamente, recentemente, ontem, há alguns dias, antes de, de agora em diante).

Para apresentar a questão e os argumentos, o autor utiliza predominantemente o presente do indicativo, mas também pode fazer uso do pretérito em explicações ou apresentação de dados e evidências. É muito comum também o emprego de argumentos de autoridade, que consiste na citação de autores renomados ou de autoridades no assunto para comprovar uma ideia, uma tese ou um ponto de vista. Segundo Pereira (2006), na sequência argumentativa, o autor pode se colocar de modo pessoal (em primeira pessoa: na minha opinião, penso que etc), ou de modo impessoal (em terceira pessoa: é provável que, é possível que, não se pode esquecer que, convém lembrar que etc).

Nesse gênero, a tipologia textual de base é a dissertativa, pois o autor constrói uma opinião. Cada parágrafo, habitualmente, contém um argumento que dá suporte à conclusão geral. Segundo Cunha, “o artigo de opinião é constituído de outros discursos sobre os fatos comentados e de antecipação das objeções do leitor, para fazer aderir ao seu ponto de vista e para criticar os outros com os quais mantém uma relação de conflito” (2002, p. 179). Assim, evidencia-se a dialogicidade no processo de produção: o autor coloca-se no lugar do leitor, e antevê suas posições para poder refutá-las. Ele justifica suas afirmações, tendo em vista possíveis questões ou conclusões contrárias, suscitadas pelo destinatário.

3. ESTRUTURA DO ARTIGO DE OPINIÃO

Para a produção de um artigo de opinião, é necessário que haja um problema a ser discutido e seja proposta uma solução ou avaliação, refletindo a respeito do assunto. Assim, o artigo de opinião pode ser estruturado da seguinte forma: situação-problema, discussão e solução-avaliação. Vejamos:

a) situação-problema: coloca a questão a ser desenvolvida para guiar o leitor ao que virá nas demais partes do texto. Busca contextualizar o assunto a ser abordado, por meio de afirmações gerais e/ou específicas. Nesse momento, pode evidenciar o objetivo da argumentação que será sustentada ao longo do artigo, bem como a importância de se discutir o tema;

b) discussão: expõe os argumentos e constrói a opinião a respeito da questão examinada. Para Guedes, todo texto dissertativo precisa argumentar, ou seja, apresentar

provas a favor da posição que assumiu e provas para mostrar que a posição contrária está equivocada. Os argumentos baseiam-se nos conceitos apresentados, na adequação dos fatos para exemplificar esses conceitos, bem como na correção do raciocínio que estabelece relações entre conceitos e fatos (2002, p. 313). Para evitar abstrações, geralmente faz uso da exposição de fatos concretos, dados e exemplos, com o emprego de sequências narrativas, descritivas e explicativas, entre outras;

c) solução-avaliação: evidencia a resposta à questão apresentada, podendo haver uma reafirmação da posição assumida ou uma apreciação do assunto abordado. Não é adequado um simples resumo ou mera paráfrase das afirmações anteriores.

Essa estrutura do artigo de opinião não é rígida, mas o caracteriza, diferenciando-o de outros gêneros, a fim de facilitar os encaminhamentos didáticos presentes no seu processo de ensino-aprendizagem.

4. RELEVÂNCIA DO ARTIGO DE OPINIÃO COMO UM MEIO DE INTERAÇÃO

A divulgação dos Parâmetros Curriculares Nacionais e a crescente incorporação das contribuições dos estudos linguísticos desencadearam uma mudança na forma de ensinar língua materna nas escolas brasileiras. Segundo o documento, “as propostas de transformação do ensino de Língua Portuguesa consolidaram-se em práticas de ensino em que tanto o ponto de partida quanto o ponto de chegada é o uso da linguagem” (1999, p. 18). Deixou-se para trás um ensino pautado apenas na estrutura para vinculá-lo a situações concretas de uso da língua, apresentando a noção de gênero textual como fundamental para o desenvolvimento de uma proposta de ensino-aprendizagem em língua materna.

Conforme os PCN, “ainda que a unidade de trabalho seja o texto, é necessário que se possa dispor tanto de uma descrição dos elementos regulares e constitutivos do gênero quanto das particularidades do texto selecionado, dado que a intervenção precisa ser orientada por esses aspectos discretizados” (1999, p. 48). Portanto, é possível focar nas situações de ensino o desenvolvimento de diversas capacidades no aluno pela especificidade de cada gênero. O documento aponta a necessidade de os professores de língua abandonarem a crença na existência de um gênero prototípico que permitiria ensinar todos os gêneros de circulação social (1999, p. 23-24).

Esse pressuposto é ressaltado por Dell’Isola ao situar os estudantes no universo dos gêneros textuais. A autora afirma que “os alunos devem se preparar para compreender a dinâmica dos gêneros que circulam na sociedade e estarem aptos a interagir com a escrita a

que estão familiarizados e com a que não lhes é familiar, dada a dinamicidade do discurso”(2007, p. 25). Dessa forma, é preciso aproximar os gêneros textuais da esfera do ambiente discursivo escolar, pois eles garantem aprendizagem efetiva e ampliam a visão de mundo dos estudantes que não têm o hábito de escrever textos de uso social. Isso concorre para responder às exigências da formação de alunos críticos, capazes de refletir, compreender e escrever discursos, concordar e discordar, rever e transformar pontos de vista na manutenção dos processos de interlocução.

Para Bräkling, “as atividades de escrita necessitam privilegiar o trabalho com um gênero no qual as capacidades exigidas do sujeito para escrever sejam, sobretudo, aquelas que se referem a defender um determinado ponto de vista pela argumentação, refutação e sustentação de ideias” (2000, p. 223). Cabe à escola a responsabilidade de promover práticas em que os alunos pensem sobre o mundo e utilizem a linguagem, de modo a garantir os saberes para o exercício da cidadania e a interação social.

Bazerman salienta que cabe ao professor, criativo e desejoso de ampliar a habilidade retórica e a flexibilidade comunicativa de seus alunos, identificar os enunciados que estão prontos para produzir, mediante o desafio de observar o que esses enunciados fazem e como eles fazem. Para o autor, a escolha estratégica de gêneros que são levados para a sala de aula pode ajudar a introduzir os estudantes em novos territórios discursivos, um pouco mais além dos limites de seu *habitat* linguístico atual (2006, p 31).

O trabalho com gêneros textuais permite a descoberta das capacidades que o estudante traz consigo advindas de suas experiências de mundo e de sociedade. Bronckart afirma que a apropriação dos gêneros é um mecanismo fundamental de socialização, de inserção prática nas atividades comunicativas humanas (2003, p. 103).

Todo professor disposto a ampliar o discurso escrito de seus alunos pode introduzir gradativamente atividades que explorem artigos de opinião, levando em conta a escrita, a reescrita e a leitura em voz alta do próprio texto. A reescrita é fundamental para o aperfeiçoamento do texto; a prática da leitura em voz alta, por sua vez, favorece a interação entre as pessoas, contribuindo na formação do leitor e no desenvolvimento global de sua capacidade comunicativa.

5. ANÁLISE ILUSTRATIVA DE UM ARTIGO DE OPINIÃO

É O SUS – OU É A POBREZA?

- 1 Na semana passada, um estudo realizado pelo Instituto do Coração de São Paulo e publicado nos Arquivos Brasileiros de Cardiologia deu manchete em vários jornais do país. Segundo a pesquisa, pacientes que sofreram infarto do miocárdio e são atendidos pelo Sistema Único de Saúde, SUS, têm 36% mais chances de morrer do que aqueles que são acompanhados por médicos particulares ou de convênios.
- 2 Lendo esta frase, leitores, qual é a conclusão que se tira de imediato? Que o SUS não funciona, vocês dirão; que é um sistema ruim, precário. Mas será que é mesmo?
- 3 Indo um pouco adiante no trabalho, descobrimos que na fase de internação a proporção de óbitos é praticamente a mesma nos dois grupos. A mortalidade maior em pacientes do SUS ocorre após a alta, quando a pessoa retorna a seu ambiente habitual. E isto enseja uma reflexão não apenas sobre infarto do miocárdio, como sobre o Brasil em geral. Em primeiro lugar, é preciso dizer que, por paradoxal que pareça, uma maior mortalidade por doença cardíaca pode ser um sinal de progresso – um progresso meio estranho, mas progresso de qualquer jeito. No passado, os brasileiros pobres não morriam de infarto, porque nem chegavam à idade em que o problema ocorre: faleciam antes, não raro na infância, de desnutrição, de diarreia, de doença respiratória. A expectativa de vida cresceu, e cresceu nos países ricos e pobres. As mortes por desnutrição e por doenças infecciosas, causadas por micróbios, diminuíram. Mas isso tem um preço. Viver mais não quer dizer viver de forma mais saudável. O pobre hoje tem mais comida, mas é comida calórica, gordurosa – pobre não come salmão nem caras saladas, nem frutas. Pobre fuma mais, e pobre é mais sedentário – passou a época em que trabalho implicava necessariamente movimento e trabalho físico, e academia de ginástica não é para qualquer um. Pobre tem menos acesso à informação sobre saúde, pobre consulta menos, às vezes porque não tem sequer como pagar a condução que o levará ao posto de saúde. Aliás, temos evidências disto em nossa própria cidade de Porto Alegre: um trabalho recentemente realizado pelos doutores Sérgio L. Bassanesi, Maria Inês Azambuja e Aloysio Achutti mostrou que a mortalidade precoce por doença cardiovascular foi 2,6 vezes maior nos bairros mais humildes da Capital.
- 4 Tudo isso explica a conclusão a que chegou o Simpósio Internacional sobre desigualdade em saúde reunido em Toronto, Canadá: “a pobreza, e não os fatores médicos, é a principal causa da doença cardiovascular”. Um artigo publicado no importante periódico médico *Circulation* salienta o fato de que 80% dos óbitos por doença cardíaca ocorrem em países pobres e acrescenta: “Os fatores de risco para doença cardiovascular aumentam primeiro entre os ricos, mas à medida que estes aprendem a lição e corrigem o estilo de vida, os riscos concentram-se nos mais pobres. A suscetibilidade para esses problemas também cresce por causa do estresse psicológico.” Quando falamos no estresse psicológico não podemos esquecer aquele que está se tornando cada vez mais frequente, o desemprego. Vários estudos mostram que problemas cardíacos são mais comuns em desempregados.
- 5 Estas coisas não diminuem a responsabilidade dos serviços de saúde, públicos ou

privados, ao contrário, aumentam-na. A questão da informação e da educação em saúde hoje é absolutamente crucial.

- 6 SUS e sistemas privados não são antagônicos, são complementares. É claro que a tarefa do SUS é muito maior – afinal, o sistema atende cerca de 80% da população – e é mais difícil: este é um país pobre, que tem poucos recursos, inclusive para a saúde. Mesmo assim, e o próprio trabalho o mostra, estamos no caminho. Apesar de tudo, as coisas melhoram (SCLiar, Moacyr. É o SUS – ou é a pobreza. *Zero Hora*. Porto Alegre, 27 jan. 2009, p. 03).

O texto de Moacyr Scliar é um artigo de opinião, publicado no Jornal *Zero Hora*, no dia 27 de janeiro de 2009. Nesta coluna, Scliar emite suas opiniões acerca de temas das mais diversas áreas, em um texto que mantém semanalmente a mesma formatação.

A tipologia de base é a dissertação, pois o autor apresenta a sua posição sobre as razões pelas quais as pessoas que são atendidas pelo Sistema Único de Saúde têm mais chances de morrer de infarto do miocárdio do que aquelas que são atendidas pelos médicos particulares ou de convênios. Nessa abordagem, Scliar manifesta um posicionamento crítico sustentado por uma argumentação sólida para deixar claro que é a pobreza a causa da morte de pacientes com doenças cardiovasculares, e não o tipo de atendimento.

O autor utiliza uma linguagem comum e faz uso de um vocabulário claro, acessível aos leitores do veículo em que o artigo foi publicado. O texto está redigido na primeira pessoa do plural (Quando falamos em estresse psicológico, não podemos esquecer aquele que está se tornando cada vez mais frequente, o desemprego); o tempo verbal predominante é o presente do indicativo (tira, ocorre, cresce, diminuíram). Há também a presença do pretérito perfeito do indicativo para apresentar a notícia que gerou a produção do artigo (deu, sofreram) e expor sua argumentação com base nas evidências sobre as razões pelas quais outrora as pessoas não morriam de infarto (morriam, faleciam, cresce, diminuíram).

O texto estrutura-se em situação-problema, discussão e solução-avaliação. Estas partes são explicitadas a seguir.

A **situação-problema** (parágrafos 1-2) inicia com a contextualização do assunto a ser abordado. Apresenta um comentário sobre a repercussão na imprensa escrita do estudo realizado pelo Instituto do Coração de São Paulo, relacionado às chances de morrer de pacientes que sofreram infarto do miocárdio se forem atendidos por médicos do SUS ou por médicos particulares ou de convênios. A partir disso, o autor apresenta a questão controversa: será que o SUS é de fato um sistema ruim?

Na **discussão** (parágrafos 3-4), Scliar expõe os argumentos para defender seu ponto de

vista referente à questão examinada: “(...) na fase de internação, a proporção de óbitos é praticamente a mesma nos dois grupos. A mortalidade maior em pacientes do SUS ocorre após a alta, quando a pessoa retorna a seu ambiente habitual”. O autor sustenta a opinião de que a pobreza é a principal causa de morte por doença cardiovascular e faz alusão às doenças comuns que outrora causavam morte muito antes de a pessoa chegar à idade em que o problema vascular normalmente ocorre. Afirma ainda que o crescimento da expectativa de vida não é sinal de qualidade de vida. Expõe também características do estilo de vida do pobre e indica quais se tornam fatores que contribuem para o desenvolvimento de doença cardiovascular. O autor apresenta, como argumentos para corroborar o seu ponto de vista, a conclusão do Simpósio Internacional sobre desigualdade em saúde e a análise publicada no reconhecido periódico médico *Circulation* sobre os fatores de risco para doença cardiovascular.

A **solução-avaliação** (parágrafos 5-6) é construída a partir da resposta à questão apresentada no início do artigo, e é claramente analisada. Scliar responsabiliza todos os serviços de saúde, públicos e privados, por zelarem pela informação e educação em saúde, e afirma que SUS e sistema privados são complementares, mas que, por vivermos num país pobre, o compromisso do SUS é bem maior.

Assim, “É o SUS – ou é a pobreza?” é um artigo de opinião, pois interage com o leitor na medida em que discute uma questão polêmica e apresenta a sua resposta, valendo-se de argumentos consistentes que enriquecem a visão de mundo do leitor.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O artigo de opinião pode ser um gênero textual eficiente nas aulas de Língua Portuguesa, pois promove a interação entre os indivíduos. Para que essa interação ocorra de modo efetivo, é necessário um real conhecimento por parte do professor do gênero e da função do processo argumentativo na organização do discurso, além de uma atitude altamente engajada com o seu fazer pedagógico. Esse comprometimento é manifestado através da apresentação ao aluno de textos atuais e diversificados, oriundos de questões polêmicas, que incitem o raciocínio, a curiosidade e o diálogo de forma a contribuir para a ampliação da visão de mundo do estudante.

Espera-se, com essa proposta, colaborar com o avanço dos estudos na área da linguagem e, especialmente, do conhecimento didático relacionado à leitura e à escrita de gêneros textuais.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- 1) ANTUNES, Irandé. *Aula de português: encontro e interação*. São Paulo: Parábola Editorial, 2006.
- 2) BAKHTIN, M. *Estética da criação verbal*. 2. ed. São Paulo: Martins Fontes, 1997.
- 3) BAZERMAN, Charles. *Gênero, agência e escrita*. HOFFNAGEL, Judit Chambliss e DIONÍSIO, Angela Paiva (Organizadoras). Tradução e Adaptação: HOFFNAGEL, Judit Chambliss. São Paulo: Cortez, 2006.
- 4) BRÄKLING, Kátia Lomba. Trabalhando com artigo de opinião: re-visitando o eu no exercício da (re)significação da palavra do outro. In: ROJO, Roxane (Org.). *A prática da linguagem em sala de aula: praticando os PCN*. São Paulo: EDUC; Campinas, SP: Mercado de Letras, 2000, p. 221-247.
- 5) BRASIL. Secretaria de Educação Fundamental. *Parâmetros Curriculares Nacionais: terceiro e quarto ciclos do ensino fundamental: língua portuguesa*. Brasília: MEC/SEF, 1999.
- 6) BRONCKART, Jean-Paul. *Atividade de linguagem, textos e discursos: por um interacionismo sócio-discursivo*. Trad. Anna Maria Machado, Péricles Cunha. São Paulo: EDUC, 2003.
- 7) CUNHA, Dóris de Arruda Carneiro. O funcionamento dialógico em notícias e artigos de opinião. In: DIONÍSIO, Angela Paiva. MACHADO, Anna Rachel. BEZERRA, Maria Auxiliadora. *Gêneros textuais & ensino*. 2. ed. Rio de Janeiro: Lucerna, 2002.
- 8) DELL'ISOLA, Regina Lúcia Péret. *Retextualização de gêneros escritos*. Rio de Janeiro: Lucerna, 2007.
- 9) FARACO, Carlos Alberto e TEZZA, Cristovão. *Prática de texto para estudantes universitários*. Petrópolis, RJ: Vozes, 1992.
- 10) GUEDES, Paulo Coimbra. *Da redação escolar ao texto: um manual de redação*. Porto Alegre: Ed. UFRGS, 2002.
- 11) KAUFMAN, Ana Maria e RODRÍGUEZ, Maria Elena. *Escola, leitura e produção de textos*. Artes Médicas: Porto Alegre, 1995.
- 12) KOCH, Ingedore Grunfeld Villaça. *Argumentação e linguagem*. 3. ed. São Paulo: Cortez, 1993.
- 13) MARCUSCHI, Luiz Antônio. Gêneros textuais: configuração, dinamicidade e circulação. In: KARWOSKI, Acir Mário; GAYDECZKA, Beatriz; BRITO, Karim Siebeneicher. *Gêneros textuais: reflexões e ensino*. Palmas e União da Vitória, PR: Kaygangue, 2005.

p. 17-33.

- 14) PEREIRA, Cilene da Cunha et al. Gêneros textuais e modos de organização do discurso: uma proposta para a sala de aula. In: *Estratégias de leitura: texto e ensino*. PAULIUKONIS, Maria Aparecida, SANTOS, Leonor Werneck dos Santos (Orgs.). Rio de Janeiro: Lucerna, 2006. p. 27-58.
- 15) PERELMAN, Ch. *L' empire Rhétorique: Rhétorique et argumentation*. 2. ed. Paris: Librairie Philosophique J. Vrin, 1988.
- 16) RODRIGUES, Rosângela Hames. Os gêneros do discurso na perspectiva dialógica da linguagem: abordagem de Bakhtin. In: MEURER, J. L.; BONINI, Adair; ROTH, Desirée Motta. *Gêneros: teorias, métodos, debates*. São Paulo: Parábola Editorial, 2007. p. 154-183.

RESUMO: Este estudo apresenta o gênero textual artigo de opinião como uma forma eficiente de interação entre os sujeitos na comunicação escrita. Inicialmente, aborda-se conceitos sobre gêneros textuais; em seguida, caracteriza-se o artigo de opinião e sua relevância para o ensino e, finalmente, faz-se uma análise ilustrativa do gênero. Este trabalho é resultado dos estudos sobre gêneros textuais desenvolvidos na Universidade de Caxias do Sul/Campus Universitário da Região dos Vinhedos.

PALAVRAS-CHAVE: gênero textual; artigo de opinião; interação; ensino.

ABSTRACT: This study presents the text genre - opinion article as an efficient way for the interaction between the subjects in written communication. Firstly, concepts about genres are approached; then opinion articles are characterized with their relevance to teaching and, finally, an illustrative analysis of the genre is carried out. This work is the result of the studies on text genres developed at Univesidade de Caxias do Sul, Campus Universitário da Região dos Vinhedos.

KEYWORDS: text genre; opinion article; interaction; teaching.

Recebido no dia 26 de maio de 2009.

Artigo aceito para publicação no dia 22 de julho de 2009.